O ASTROJILDO PEREIRA DE LEANDRO KONDER: AFINIDADES ELETIVAS E AFETOS REVOLUCIONÁRIOS[1]

Marco Antonio Rossi[2]

RESUMO

O intuito do trabalho é refletir sobre os escritos de Leandro Konder (1935-2014) dedicados a Astrojildo Pereira (1890-1965), compreendendo-os como eixo de uma relação marcada por afetividades pessoais e afinidades políticas e culturais. Konder escreveu sobre Pereira em diferentes momentos, desde o artigo de 1965, na *Folha da Semana* – poucos dias após a morte do fundador do Partido Comunista Brasileiro (PCB) –, até o capítulo de abertura do livro *Intelectuais brasileiros & marxismo*, de 1991, passando pelo denso texto reunido na edição especial *Memória & História*, da *Livraria Editora Ciências Humanas*, em 1981, e também pelas alusões contidas no corpo de sua tese de doutorado, *A derrota da dialética*, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1987. Konder esforçou-se por "retirar" Pereira da tradição comunista que se indispôs contra a dialética e se aliou às tendências positivistas que nublaram a recepção

[1] Este artigo, numa versão diferente, foi apresentado no GT Intelectuais, artistas e produção social da cultura, na ANPOCS, em 17 de outubro de 2025. Aqui, além das correções de estilo, foram acrescentados dados e referências antes ausentes.

[2] Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL)

das ideias de Marx, no Brasil, durante a primeira metade do século 20. Dentre as características de Astrojildo Pereira que o elevavam diante da "derrota da dialética", de acordo com Leandro Konder, estaria sua verve literária e sua predisposição democrática ao diálogo e humilde diante da complexidade do real.

Palavras-chave
Astrojildo Pereira; Leandro Konder; comunismo; literatura; dialética.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the writings of Leandro Konder (1935-2014) dedicated to Astrojildo Pereira (1890-1965), understanding them as the axis of a relationship marked by personal affections and political and cultural affinities. Konder wrote about Pereira at various points, from the 1965 article in *Newspaper of the Week* – just days after the death of the founder of the Brazilian Communist Party (PCB) – to the opening chapter of the 1991 book *Brazilian intellectuals & Marxism*, including the dense text collected in the special edition *Memory & History*, published by *Human Sciences Publishing House Bookstore* in 1981, and also the allusions contained in the body of his doctoral thesis, *The defeat of dialectics*, defended at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) in 1987. Konder strove to "remove" Pereira from the communist tradition that opposed dialectics and aligned itself with the positivist tendencies that clouded the reception of Marx's ideas in Brazil during the first half of the 20th century. Among the characteristics of Astrojildo Pereira that elevated him in the face of the "defeat of dialectics," according to Leandro Konder, were his literary verve and his democratic predisposition to dialogue and humility in the face of the complexity of reality.

Keywords
Astrojildo Pereira; Leandro Konder; communism; literature; dialectic.

INTRODUÇÃO

A expressão "afinidades eletivas" dá título a um conhecido romance de Johann Wolfgang von Goethe, publicado em 1809, em que é narrada a desventura

do casal Eduard e Charlotte, os quais se veem tomados por uma paixão irresistível e imponderada por conhecidos que aos poucos se revelam novos, surpreendentes. O romance de Goethe desafia as fronteiras entre a razão e a emoção, intuindo seus múltiplos e às vezes indecifráveis enigmas. Afinal, por que certos corpos (e almas) se aproximam com tanta e inexplicável facilidade, tornando impossível toda forma de rejeição ou repulsa? O que, ao fim e ao cabo, tece o "fio vermelho" que explica uma identificação intensa entre seres singulares, pertencentes a épocas e gerações distintas?

Este artigo aprecia as análises que o filósofo marxista Leandro Konder redigiu sobre a vida e a obra de Astrojildo Pereira, um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1922, jornalista prolífico, autodidata e crítico literário de importância destacada no cenário cultural brasileiro entre as décadas de 1930 e 1960. Para dar conta desse objetivo de estabelecer as "afinidades eletivas" tão reveladas pela admiração que Konder não faz nenhuma questão de ocultar a respeito de Pereira, o material mobilizado para as reflexões são o texto que Konder escreveu em 1965, no jornal *Folha da Semana*[3], poucos dias após a morte de Astrojildo Pereira, e dois artigos separados por um intervalo de 10 anos, um de 1981, outro compilado em livro em 1991, entremeados por trechos contidos em *A derrota da dialética*, tese de doutorado de Leandro Konder defendida em 1987, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na qual o foco é sua percepção crítica quanto à precariedade da relação entre marxismo e dialética nos comunistas brasileiros desde o fim do século 19 até o final dos três primeiros decênios do século 20.

Nesses diferentes textos de Konder transborda a tentativa de reconhecer na postura política de Astrojildo Pereira um viés democrático e atento à necessidade do diálogo, da crítica e, principalmente, da autocrítica. Ao mesmo tempo, quando o enfoque é a produção cultural de Pereira, Konder observa "bom gosto" e "grandeza", ainda que em muitos momentos as ferramentas teóricas para uma análise estética mais acurada tenham faltado à pena do primeiro grande secretário-geral do PCB. A hipótese de que há "afinidades eletivas" inescapáveis e arrebatadoras entre Konder e Pereira talvez se confirme e se revele mais forte quando são notadas as semelhanças de temperamento, posicionamento político

[3] *Folha da Semana* foi um semanário dirigido por Arthur Poerner que fez parte dos muitos esforços de criação de uma política cultural pelo PCB. Em circulação apenas no biênio 1965-66, nela Leandro Konder publicava artigos sobre a vida cultural brasileira e resenhas de livros, filmes e espetáculos teatrais, além de alguns esboços ficcionais.

e gosto cultural entre esses dois intelectuais e militantes comunistas, separados no tempo, mas reunidos pelos valores e preferências que cultivaram ao longo da vida.

1. UMA VIDA COERENTE

Na edição da *Folha da Semana* correspondente aos dias entre 25 de novembro e 1.º de dezembro de 1965, Leandro Konder homenageia Astrojildo Pereira dando relevo ao papel de "exército de homem só" que o então velho comunista havia experimentado em diferentes momentos da vida. Com o título *Astrojildo Pereira, uma vida coerente*, o artigo propõe um inventário crítico da imprensa sindical e operária do início do século 20, numa realidade em que a "carência generalizada" tornava difícil a circulação das ideias e ações da esquerda brasileira, àquela altura hegemonizada pelo anarquismo e logo seriamente impactada pelos desdobramentos da Revolução Russa de 1917.

Em periódicos como *Guerra Social*, *A voz do trabalhador*, *O cosmopolita* e *Spartacus*, Astrojildo Pereira enfrentava a escassez de profissionais da escrita e se multiplicava em inúmeros pseudônimos, assevera Leandro Konder. Assim, Astper, Tristão, Pedro Sambê, Alex Pavel, Cunhambebe, Máximo X e Aurélio Corvino, entre muitos outros, povoavam as páginas da imprensa de esquerda ocultando seu único articulista realmente talentoso que, lembra Konder, quando o assunto era delicado e urgente, agitava muitos de seus *alter egos* para polemizar entre si, passando a imagem pública de que se tratava de gentes diferentes. É por isso que Konder vaticina nesse texto da *Folha da Semana* que Astrojildo Pereira era "um soldado que valia por um batalhão".

É interessante observar que Leandro Konder, nos anos de exílio em Paris, na segunda metade da década de 1970, quando atuava no Comitê Cultural do PCB e escrevia para o jornal *Voz operária*, também cultivava pseudônimos e redigia artigos com extrema facilidade, muitas vezes em cima da hora, nos momentos em que era urgente "fechar" uma nova edição e faltavam matérias para completar o jornal. Essa ideia de manter vivos pseudônimos que pudessem "ocultar" o verdadeiro autor, acompanhou Konder por toda a vida: nos anos 1960, nas páginas de *Novos rumos*, um semanário do PCB, ele era Pedro Severino, um articulista bem-humorado e sarcástico diante dos modismos da esquerda; em *O Globo*, na década de 1990, Konder se metamorfoseava em Alberto, o

sapateiro anarquista, com cuja pena redigia análises de conjuntura excitantes em plena ascensão do neoliberalismo no país (Coutinho, 2002, p. 23-24).

Nota-se, pois, que as identificações entre Konder e Pereira ultrapassavam o campo do elogio ou do mero reconhecimento. Astrojildo, nascido em 1890, e Konder, em 1935, tinham de fato personalidades semelhantes, que se desnudavam em atividades políticas e culturais de fina sintonia, cujas maiores evidências eram o apreço pela questão democrática e a paixão pela literatura. A convivência entre os dois, na redação da revista *Estudos sociais*, na segunda metade dos anos 1950 e na primeira parte da década seguinte, permitiu que pudessem contrastar suas opiniões políticas sobre os rumos da esquerda brasileira e, principalmente, a respeito da vida cultural. Foi à cultura, aliás, que Astrojildo passou a se dedicar após seu longo experimento como jornalista nos anos 1920, quando combinava as funções de secretário-geral do PCB e colaborador na imprensa sindical e operária. Expulso do PCB em 1931 – agremiação a que regressaria somente em 1945 –, Astrojildo Pereira aproveitou seus anos de ostracismo político para mergulhar na crítica literária, condição que Konder salienta em seu artigo da *Folha da Semana*.

Para Konder, Pereira foi ainda mais emblemático e significativo como crítico literário. Embora tenha sido um dirigente partidário zeloso e preocupado com o debate interno num terreno árido para a autocrítica, Astrojildo Pereira tornou-se personalidade cultural imprescindível para entender não só a literatura brasileira produzida entre as décadas de 1930 e 1960, mas as relações entre os comunistas e a cultura, entre o desejo de transformar politicamente o mundo inteiro e qualificar as subjetividades revolucionárias, fornecendo-lhes impressões sensíveis da realidade que se lhes impunha com tanta impiedade, caracterizada pela repressão política, pela clandestinidade e por campanhas sempre renovadas de difamação. Ser comunista, sabiam tanto Pereira quanto Konder, era uma opção arriscada num país de formação colonial e hegemonia de valores conservadores.

Em vez de múltiplo, como era em sua atividade jornalística, Astrojildo era único em sua peregrinação como crítico literário. Na *Folha da Semana*, Konder esclarece que Pereira escreveu muito e em diversos jornais e revistas durante mais de três décadas, e aponta que boa parte dessa produção foi reunida em livro por Astrojildo Pereira. Assim, de acordo com o texto de Leandro Konder, foram publicados *Interpretações* (1944), *Machado de Assis* (1959) e *Crítica impura* (1963), todos eles coletâneas das intervenções de Pereira como leitor da realida-

de e da produção literária brasileiras. Konder ainda destaca o volume *Formação do PCB* (1962), publicado no quadragésimo aniversário do partido e considerado "uma inestimável contribuição ao estudo da história do movimento operário no Brasil".

É curioso o fato de Konder não citar o livro *URSS, Itália, Brasil*, publicado pela primeira vem em 1935, reunindo textos em que Pereira divulga as "andanças" das experiências comunistas em três países de realidades muito distintas, permitindo ao leitor uma refinada percepção dos contrastes históricos da utopia socialista. É nesse livro que aparece, por exemplo, a enfática negação de Astrojildo Pereira da expressão "brasilidade integral", com a qual os integralistas almejavam "provar" que tudo no Brasil era inédito, inexistente noutras paragens. Astrojildo Pereira denuncia o absurdo dessa ideia, defendendo que, como nação tardia e colonizada, tudo aqui vinha de fora e era absorvido por uma cultura viva, confluente, enraizada na diversidade dos povos que compuseram o Brasil – Pereira, nesses termos, demonstrava "afinidades eletivas" com os modernistas de 1922 e o antropofagismo que em seguida iria revolucionar a percepção cultural do brasileiro sobre si mesmo.

Na *Folha da Semana*, Leandro Konder investiu num texto que, para além da recuperação das atividades políticas e culturais de Astrojildo Pereira, reavivava os traços marcantes da personalidade do companheiro de PCB e gosto pela literatura. Konder, então, afirma que Astrojildo Pereira "sempre soube equilibrar as exigências de sua posição política revolucionária e as exigências científicas do rigoroso respeito à verdade matizada pelos fatos". De acordo com Konder, "jamais lhe ocorria sacrificar uma dessas exigências à outra". A um só tempo, o Astrojildo Pereira de Leandro Konder "não se deixava envolver por forma alguma de partidarismo estreito ou de sectarismo, pois almejava ser também um cientista social e sabia que 'em último caso, mais vale um escritor honesto sem partido do que um escritor partidário até a raiz dos cabelos, mas desonesto – desonesto como escritor ou como homem, o que vem a dar na mesma'". Nesse trecho do artigo de Konder, surge, no fim, uma breve passagem de Pereira sobre a tensa relação entre autonomia intelectual e militância política, presente num capítulo do livro *Interpretações*, intitulado *Posição e tarefas da inteligência*, no qual o autor faz um balanço crítico riquíssimo das obras de importantes intelectuais, poetas e escritores brasileiros, de Gregório de Matos e Euclides da Cunha a Graciliano e Jorge Amado.

Leandro Konder relembra ainda que para Astrojildo Pereira cabia ao escritor e ao intelectual evitar duas perigosas ilusões simetricamente inversas: a do pretenso "abstencionismo" político e a concepção demasiado estreita da "participação" sectária. Konder afirma que "os abstencionistas costumam se atolar no pântano da pior forma de participação, aquela por omissão covarde ou interesseira". De modo contíguo, "os participacionistas enveredam pelos atalhos perigosos do sectarismo intolerante, antidemocrático e, consequentemente, contraproducente". Astrojildo Pereira, para Konder, escapava a essas duas dimensões, ocupado que sempre foi com a dignidade e a coerência de seus pensamentos e atitudes concretas.

Esse primeiro provável escrito de Leandro Konder sobre Astrojildo Pereira, uma espécie de memorial lido sobre o leito de morte, lamenta que a perda de um intelectual da grandeza de Pereira ocorresse num momento turbulento e de rarefação das ideias e ações capazes de enfrentar os desafios mais dramáticos do país. Vale ressaltar que o artigo de Konder é publicado no umbral da ditadura civil-militar que perdurou de 1964 a 1985, escancarando não só perseguição e repressão, mas também os males mais profundos do "subdesenvolvimento" nacional, para usar uma expressão bastante popular à época nos meios intelectuais. Nesse sentido, um sujeito como Astrojildo Pereira, como destaca Konder, faria muito falta aos amigos e familiares, que perderiam a presença afetuosa de um indivíduo sereno e dadivoso, mas faria que sua ausência fosse percebida por muito mais gente, que, de diferentes maneiras, pôde nele reconhecer uma voz ponderada e francamente democrática.

Após relacionar a defesa digna que Astrojildo Pereira fez de Otto Maria Carpeaux e Álvaro Lins, injustamente detratados por Carlos Lacerda e Osvaldo Peralva, respectivamente (uma menção que intuía engrandecer o caráter solidário e corajoso de Astrojildo Pereira em momentos de tensão e disputa política acirrada), Leandro Konder encerra seu artigo salientando que, se na juventude Pereira foi "um soldado que valia por um batalhão", no momento de sua morte ele era uma espécie de "general civil, sem outras armas que não as morais e intelectuais, que valia por um exército".

2. O HOMEM, O MILITANTE, O CRÍTICO

Em 1981, 16 anos após a morte de Astrojildo Pereira, a *Livraria Editora Ciências Humanas* publicou uma edição especial dedicada ao autor de *Formação do PCB*, intitulada *Memória & História*, com artigos e depoimentos de Rodolfo Coutinho, Heitor Ferreira Lima, Otto Maria Carpeaux, Nelson Werneck Sodré, Edgard Carone, José Luiz Del Roio e escritos do próprio Astrojildo Pereira, ilustrados por rico material iconográfico. Há na revista um artigo de Leandro Konder, nomeado *Astrojildo Pereira: o Homem, o Militante, o Crítico*.

Trata-se do texto mais denso de Konder sobre Pereira, que contém, presumivelmente, um expressivo material das pesquisas que resultariam na sua tese de doutorado, alguns anos mais tarde. O que há na tese sobre Pereira está nesse artigo. Do mesmo modo, o conteúdo do artigo de 1991, incluído como capítulo de abertura do livro *Intelectuais brasileiros & marxismo*, é uma espécie de "resumo" desse de 1981, trazendo de novo somente as informações iniciais, condizentes com o momento histórico então em ebulição, tumultuado pela queda do Muro de Berlim (1989) e pelo colapso da União Soviética (1991).

Chama a atenção, no subtítulo, Konder grafar as palavras Homem, Militante e Crítico com a primeira letra maiúscula, denotando que, em se tratando de Astrojildo Pereira, os adjetivos simbolizavam um sujeito sem paralelos, único nessas diferentes dimensões de sua existência. O próprio Konder, contudo, faz o alerta:

> O historiador marxista que se interessa por um grande campeão antigo das lutas de que ele é um continuador encontra-se (...) numa situação delicada: de um lado, não pode supor que o fato de ter escapado aos limites dos horizontes históricos do vulto que estuda lhe assegure uma lucidez maior que a dele; por outro lado, mesmo que se incline à superioridade pessoal do seu predecessor, não pode renunciar ao esforço de aproveitar os elementos que o tempo colocou à sua disposição, repelindo firmemente a admiração acrítica, recusando qualquer concessão à hagiografia (Konder, 1981, p. 51).

A hagiografia, como se sabe, é uma espécie de biografia ou estudo minucioso sobre anjos, ou ainda, na pior das hipóteses, uma tentativa de dar contornos

angelicais, perfeitos, a seres humanos, heroicizando-os. Konder, apesar da manifestada admiração por Pereira (fato indubitável já no artigo da *Folha da Semana*, de 1965), não prescinde de apontar nesse texto de 1981 aspectos biográficos, teóricos e políticos problemáticos no "campeão antigo das lutas de que ele é um continuador". Uma característica relevante desse artigo é o fato de ele obedecer à divisão histórica com a qual a vida e a obra de Astrojildo Pereira foi abordada por todos que se detiveram sobre sua trajetória (como, por exemplo, os amigos Heitor Ferreira Lima e Nelson Werneck Sodré e também seu principal biógrafo, Martin Cezar Feijó, autor do incontornável *O revolucionário cordial*), a saber: uma primeira fase republicana, civilista, que culminou na adesão à campanha de Rui Barbosa à presidência; uma segunda fase anarquista e libertária, em que também se manifestava seu velho e permanente sentimento anticlerical; uma terceira fase comunista, madura, que marcou Astrojildo Pereira pelo resto da vida, mas de forma aberta, autocrítica, coerente[4] .

Nesse artigo de 1981, Leandro Konder articula essas diferentes fases e seus principais acontecimentos na vida de Astrojildo Pereira, destacando os eventos cruciais no processo formativo do jovem anarquista que se converteu ao comunismo, do combativo jornalista que se tornou um importante crítico literário, do "Homem", que nunca se desfez de sua versão "Militante" e de seu posicionamento "Crítico" em relação ao Brasil, ao movimento comunista e, principalmente, a si mesmo.

Astrojildo Pereira nasceu em Rio Bonito, uma cidade da região metropolitana do Rio de Janeiro, distante uns 80 quilômetros da capital. Estudou em bons colégios (o Anchieta, em Nova Friburgo, e o Abílio, em Niterói), mas optou por abandonar os estudos formais no terceiro ano do ciclo ginasial e se fazer autodidata. Konder recorda que era confusa a disseminação das ideias anarquistas entre os imigrantes no início do século 20, o que talvez explique a mudança de perfil ideológico de Pereira após pouco mais de uma década de militância ácrata. Do mesmo modo, Pereira se desencantou, antes, pelo republicanismo, em grande medida diante do fracasso da campanha civilista de Rui Barbosa, do fuzilamento

[4] Em seu livro de memórias, *Combates e batalhas*, publicado em 1978, Octávio Brandão faz uma breve apreciação biográfica de Astrojildo Pereira, oscilando entre o elogio e a injúria, mas admitindo que Pereira "foi a figura principal de 1922". É nessa obra de Brandão que surge a divisão esquemática da vida e da obra de Astrojildo Pereira, dividida em "etapas/fases", largamente utilizada pelos escritos posteriores sobre o velho militante e escritor comunista.

do pedagogo anarquista Ferrer e da repressão contra o marinheiro rebelado João Cândido, durante a famosa Revolta da Chibata, em 1910. Konder acredita que Pereira, diante desses e outros acontecimentos, perdeu de vez toda e qualquer ilusão com o "republicanismo liberal" (Konder, 191, p. 52-53).

Dedicando-se ao anarquismo em "tempo integral", Astrojildo Pereira repercutiu os valores ácratas na imprensa operária e sindical. Konder, então, destaca, como já havia feito no artigo da *Folha da Semana*, em 1965, os muitos "Astrojildos" espalhados pelos pseudônimos criados para dar efervescência aos debates políticos do período. À época, os jornais dos trabalhadores eram confiscados e seus divulgadores, presos e punidos. Aos olhos dos reacionários, escreve Konder, "a perspectiva de crítica social resultava menos das condições de existência do nosso povo do que da infiltração insidiosa de agitadores estrangeiros" (Konder, 1981, p. 53). Alex Pavel, um dos pseudônimos de Astrojildo Pereira, foi ostensivamente procurado pela polícia, que estava à cata de um "perigoso agente subversivo russo". Nesse e em diversos outros escritos de Konder, não só sobre Astrojildo Pereira, aparece a crítica às vezes bem-humorada, às vezes melancólica dirigida ao atávico anticomunismo do senso comum brasileiro, fortemente suportado pelo conservadorismo moral, pelo pânico político das classes dominantes e pelo elitismo dos setores intermediários da estrutura social, invariavelmente seduzidos pela retórica fascista.

Em *Formação do PCB*, como aponta Konder, Astrojildo Pereira explica o motivo que o fez aproximar-se dos comunistas e, portanto, deixar a militância anarquista: "As grandes greves e agitações de massa do período 1917-1920 puseram a nu a incapacidade teórica, política e orgânica do anarquismo para resolver os problemas de direção de um movimento revolucionário de envergadura histórica" (apud Konder, 1981, p. 53). Não obstante jamais tenha deixado de se compreender como "um intransigente libertário", Pereira, sempre de acordo com Konder, cedeu ao sucesso do leninismo e da Revolução Russa. Entendia que o crescimento da urbanização e da industrialização no Brasil reivindicava uma leitura mais atenta das particularidades de uma classe operária também em expansão. Konder introduz no texto de 1981 alguns dados acachapantes sobre esse "crescimento": após o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, o país já contava com 276 mil operários, um número que estimulou, em face das contradições sociais que propulsionava, a complexificação das relações sociais, o aumento dos tensionamentos políticos e, subsequentemente, a criação de um partido comunista.

Diante dos desafios da classe trabalhadora em um território de capitalismo periférico e subordinado (tardio, como hoje bem se diz), Leandro Konder procura matizar as opções ideológicas de Astrojildo Pereira do anarquismo para o comunismo. José Oiticica um notório militante anarquista, ao contrário, acusou Pereira de "oportunismo e intromissão sorrateira, venenosa e caluniosa, o grande responsável pelo esvaziamento do anarquismo no Brasil". Konder, então, em defesa de Astrojildo, faz uso de uma ironia recheada de verdades: "O próprio Astrojildo nunca se atribuiria um papel tão destacado" (Konder, 1981, p. 54).

A ironia antecipa a apresentação que Leandro Konder faz de um Astrojildo Pereira enfaticamente modesto, humilde, quase desejoso de invisibilidade nos circuitos de maior aparição política. Apesar desse traço de personalidade marcado pelo retraimento, Pereira foi responsável por elevar de 73 para cerca de 1000 os adeptos do PCB ao longo da década de 1920, durante seu exercício como secretário-geral. No mesmo período, Konder ressalta, foram realizados 3 congressos do partido, o mesmo tanto que nos 53 anos seguintes (até a publicação da revista *Memória & História*). É nesse momento que o artigo de Konder se concentra na montagem de um perfil democrático de Astrojildo Pereira, nos moldes já anunciados no texto da *Folha da Semana*, 16 anos antes. Pereira, salienta Konder, teve uma preocupação de fato com a democracia interna do partido durante o tempo em que dele esteve à frente. Durante os conflitos ideológicos protagonizados por militantes que discordavam da linha política do partido, por motivos variados e em face de circunstâncias peculiares, Astrojildo Pereira fazia questão de animar o debate, garantir vez e voz a quem demonstrasse interesse de participação aberta. Chegou a criar, para tanto, uma revista dedicada às controvérsias suscitadas pelos debates entre os membros do PCB, sugestivamente intitulada *Autocrítica*. Ciente de que a autocrítica nunca havia sido uma palavra-chave do temperamento dos comunistas brasileiros, Konder satiriza o nome da revista, considerando-o paradoxal e, ao mesmo tempo, sintomático da singularidade de Astrojildo Pereira.

Vale, a propósito, elaborar mais uma tentativa de estabelecer nexos de "afinidades eletivas" entre as percepções de mundo de Astrojildo Pereira e Leandro Konder. No ano de 1983, no número inaugural da revista *Presença*, uma publicação que buscava dar amplitude às ideias da velha ala renovadora e democrática do PCB (uma ala renegada, portanto), Konder publica o ensaio *O curriculum mortis e a reabilitação da autocrítica*, que, no ano seguinte, será incluído

no livro *O marxismo na batalha das ideias*. O texto, que teve grande repercussão na esquerda brasileira à época, pontua:

> Forjamos para nós imagens que nos ajudem a viver; e nos apegamos a elas. O autoritário se apresenta como "enérgico" e "corajoso"; o oportunista como "prudente" ou "realista"; o covarde como "sensato"; o irresponsável como "livre". Não existe nenhuma tomada de posição no plano político ou filosófico que, por si mesma, imunize a consciência contra a ação desses mecanismos. Somos todos divididos, contraditórios. Por isso mesmo, precisamos promover discussões, examinar e reexaminar o *uso social* das nossas concepções, examinar e reexaminar a *função interna* das nossas racionalizações. Quer dizer: precisamos realizar permanentemente um vigoroso esforço crítico e autocrítico. [...] A autocrítica é de uma importância decisiva. É por ela que passa o teste da superação do conservadorismo dentro de nós. Um conservador – é claro – pode fazer autocríticas; mas, se a autocrítica for feita mesmo para valer, ele seguramente não estará sendo conservador no momento em que a fizer. [...] Desde que consiga se instalar solidamente na consciência de alguém, o conservadorismo pode admitir uma grande flexibilidade: pode suportar com tolerância liberal as opiniões divergentes, até as provocações e irreverências alheias. Mas não pode se permitir o autoquestionamento radical (Konder, 2009, p. 56-57).

Além de evidenciar a dimensão fundamental que a autocrítica deve exercer em todo posicionamento político, em toda atitude reflexiva sobre a realidade que está sempre se transformando e deixando de ser uma coisa supostamente conhecida para se tornar outra coisa certamente desconhecida, a argumentação de Leandro Konder se vincula à trajetória de vida de Astrojildo Pereira, o qual, no momento em que se flagrou expulso do partido, em 1931, difamado e acusado de total inabilidade política, de ser portador de sentimentos pequeno-burgueses,

decidiu viver da venda de bananas num comércio da família[5] e jamais se prestou a praguejar o PCB e seus antigos companheiros. Do mesmo modo, expõe Konder, Astrojildo Pereira, que foi um defensor entusiasta de alianças políticas à direita do partido no intuito de prolongar o alcance ideológico e eleitoral dos comunistas no seio das classes médias brasileiras, foi diversas vezes acusado, por causa disso, de "traidor", "menchevique" e, é óbvio, "conservador". O excerto de Konder reproduzido acima, retirado do referido ensaio de 1983, nada mais é do que uma nova ironia perturbadora – quem é, de fato, conservador: aquele que se vê e revê criticamente a todo instante ou aquele que marca posições intransigentes e se nega a reexaminar falas, concepções e atitudes?

A fase "obreirista" do PCB, que afastou dos quadros da agremiação aqueles que eram considerados intelectuais, foi na verdade um movimento da Internacional Comunista para expurgar "desvios" que vinham se manifestando na vanguarda revolucionária mundial. Do *trotskismo* ao *bukharinismo*, nada deveria escapar (Konder, 1981, p. 60). Astrojildo Pereira, é claro, não escapou.

Konder relata que foi um período amargo na vida de Pereira. Uma época de grande tristeza que, como já enfatizado, não resvalou em ressentimentos abertos ou atitudes vingativas. Nessa época, Astrojildo Pereira, além do comércio de bananas, entregou-se de corpo e alma à literatura. A paixão literária vinha de sua juventude e o acompanhou até o fim da vida. Konder transcreve, no artigo ora sob análise (1981, p. 62), o texto que Euclides da Cunha publicou no *Jornal do Commercio* em 30 de setembro de 1909, a respeito de um desconhecido jovem que visitou Machado de Assis em seu leito de morte:

> Ninguém ali o conhecia, não conhecia por sua vez ninguém; não conhecia o próprio dono da casa, a não ser pela leitura de seus livros, que o encantavam. Por isto, ao ler nos jornais da tarde que o escritor se achava em estado gravíssimo, tivera o pensamento de visitá-lo. Relutara contra esta ideia, não tendo quem o apresentasse: mas não lograra vencê-la, que o desculpassem, portanto. Se não lhe era dado ver o enfermo, dessem-lhe ao menos notícias certas de seu estado.

[5] É fecunda, sobre esse momento da vida de Astrojildo Pereira, a opinião de Graciliano Ramos: "Homem de pensamento e ação, Astrojildo Pereira tem imensa dignidade. [...] Quando muitos intelectuais se vendiam, Astrojildo, para aguentar-se na vida, preferiu vender frutas numa quitanda (apud Netto, 2004, p. 165).

> E o anônimo juvenil – vindo da noite – foi conduzido ao quarto do doente. Chegou. Não disse uma palavra. Ajoelhou-se. Tomou a mão do mestre; beijou-a num belo gesto de carinho filial. Aconchegou-a depois por algum tempo no peito. Levantou-se e, sem dizer palavra, saiu.
> À porta, José Veríssimo perguntou-lhe o nome. Disse-lhe. Mas deve ficar anônimo. Qualquer que seja o destino desta criança, ela nunca subirá tanto na vida. Naquele momento o seu coração bateu sozinho pela alma de uma nacionalidade. Naquele meio segundo – no meio segundo em que ele estreitou o peito moribundo de Machado de Assis – aquele menino foi o maior homem de sua terra.

José Veríssimo não guardou segredo e revelou a identidade do "maior homem de sua terra". Em diversos outros momentos de sua vida, Astrojildo Pereira pôde se dedicar, como crítico literário, à obra de Machado de Assis. Konder destaca que as análises de Pereira sobre o autor de *Dom Casmurro* foram pioneiras em compreendê-lo como o "mais brasileiro de todos os escritores", reintegrando-o à sua realidade e fugindo aos lugares-comuns que só queriam endossar seu evidente "cosmopolitismo". Pereira entendia que Machado de Assis era um intérprete da "alma brasileira", um arguto escrutinador das nossas condições humanas e sociais. Se hoje isso é corrente e pacífico no interior das teorias literárias, como atestam os notáveis estudos de Roberto Schwarz desde a década de 1970[6] não eram no tempo de Astrojildo Pereira, que defendia essa questão "nadando contra a maré" (Konder, 1981, p. 62-63).

Como crítico literário, Astrojildo Pereira não conseguiu superar, de acordo com Leandro Konder, o limitado âmbito de uma sociologia da literatura, na qual sobressaía a determinação das obras investigadas no momento histórico em que surgiam. Konder pondera que "faltava [aos ensaios de Astrojildo Pereira] o exame dos problemas do texto, a discussão acerca das questões cruciais do universo ficcional. A importância da forma não era plenamente reconhecida por ele, de modo que a sua crítica resvalava, frequentemente, para o *conteudismo*" (Konder, 1981, p. 63). Apesar dessa "deficiência", Konder evidencia que Pereira era um sujeito de extremo bom gosto e sabia, como poucos, definir o que era bom e o

[6] Dois livros reúnem o essencial de Roberto Schwarz sobre *Machado de Assis: Ao vencedor as batatas* (1977) e *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990).

que era ruim. Essa "sensibilidade" permitiu-lhe, por exemplo, celebrar as hoje inquestionáveis qualidades artísticas de Lima Barreto e Graciliano Ramos, em suas obras *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Vidas Secas*, respectiva e pioneiramente.

No longo período em que esteve afastado do PCB, Astrojildo Pereira também se posicionou publicamente sobre questões políticas e ideológicas, confrontando a direita brasileira, com especial atenção às insanidades dos integralistas. Esse é outro ponto de relevo nas "afinidades eletivas" entre ele e Leandro Konder. Desde a juventude, tal qual Pereira, Konder escreveu para jornais e revistas do PCB e, mais tarde, alçando um considerável voo de público, passou a contribuir para periódicos de grande circulação como *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*, os "jornalões" do Rio de Janeiro. Em sintonia com as antigas atividades jornalísticas e militantes de Astrojildo Pereira, Leandro Konder redigia resenhas literárias, criticava o conservadorismo atávico dos brasileiros e elaborava instigantes análises de conjuntura, tendo como horizonte a construção de uma sociedade socialista e democrática. O pano de fundo dos escritos desses dois intelectuais comunistas seguiu sendo sempre o mesmo: a abertura ao diálogo e a humildade em face da certeza de inesgotabilidade do real – nenhum dos dois pareceu almejar verdades eternas, apesar de, em algum momento de suas vidas, de modo temerário e mais tarde objeto de duras autocríticas, terem flertado com o marxismo-leninismo advindo dos manuais de Moscou e adotado arbitrariamente como ideologia oficial pelo comunismo internacional.

Foi com o processo de "desestalinização", após as denúncias dos crimes de Stalin feitas durante o 20.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956, que tanto Pereira quanto Konder se entregaram às agruras da autocrítica. Konder, contudo, tinha 20 anos de idade, enquanto Pereira já era um sexagenário. O culto às personalidades de Stalin e Luiz Carlos Prestes (principal, mais longeva e influente liderança do PCB) não impediu Astrojildo Pereira, segundo Konder, de cultivar uma relativa e saudável autonomia intelectual, graças, em larga medida, ao seu interesse crescente e permanente pela literatura e pelas particularidades da cultura brasileira.

José Paulo Netto, na introdução que redige a uma edição de *Machado de Assis*, de Astrojildo Pereira, publicada pela Oficina de Livros em 1991, e depois aproveitada como capítulo de seu livro *Marxismo impenitente*, de 2004, esclarece o seguinte:

> Quando do 20.º Congresso do PCUS (1956), a primeira denúncia do stalinismo atinge Astrojildo em cheio – ele reconheceu claramente a sua adesão reverencial a Stalin: "Incluo-me, cem por cento, entre aqueles que mais entusiasticamente participaram do culto à personalidade de Stalin" (...) Se, de fato, assumira inteiramente a perspectiva e os desdobramentos da tese do "socialismo em um só país"; se, com efeito, mesmo estando afastado do PCB, jamais pusera em dúvida as ações de Stalin; se, realmente, nunca questionara o "modelo soviético" – a verdade é que Astrojildo não tem no seu passivo iniciativas e/ou ações cujo alcance possa colocá-lo no banco dos réus. Se, homem político que se forjara no "aço stalinista" e limitado pela sua cega fidelidade ao partido, ele compartilhou das concepções de marxismo-leninismo próprio da autocracia stalinista, não só é inconteste a sua honradez mesmo nos seus equívocos ideológicos como, sobretudo, o fato de eles não terem vulnerabilizado substantivamente o seu trabalho intelectual (Netto, 2004, p. 171).

A honradez e o caráter quase intocado da atividade intelectual de Astrojildo Pereira estão presentes na sua produção de crítico literário, na sua interlocução política em defesa da democracia e no combate aos muitos reacionarismos da vida brasileira e, principalmente, na postura de humildade que adotou quando, de volta ao PCB, em 1945, concordou em fazer autocríticas impiedosas e severas, resultado das muitas pressões dos dirigentes partidários, para, afinal das contas, "refugiar-se" no Comitê Cultural e lá abrir oportunidade para uma nova geração de intelectuais, entre os quais estava Leandro Konder, que trabalhou com Pereira na redação de *Estudos Sociais* entre 1958 e 1964. É desse período que data o início da intransponível admiração de Konder por Astrojildo, cujas "afinidades eletivas e afetivas" são objeto deste trabalho.

Astrojildo Pereira colaborou regularmente para o semanário comunista *Novos Rumos*, no qual manteve, entre 1960 e 1961, uma seção intitulada "Notas sobre livros" (Konder, 1981, p. 68). Além disso, na década anterior, comandou a revista *Literatura*, que sobreviveu por apenas 6 edições e tinha como expediente "servir com amor à cultura brasileira, ao povo brasileiro" (Netto, 2004, p. 171). Na direção de *Estudos Sociais*, entretanto, exerceu por mais tempo sua talentosa verve literária e pôde colecionar amizades e admirações. É desse período tam-

bém a publicação de *Formação do PCB*, que inventaria a história dos 7 primeiros anos da agremiação que ajudou a fundar. O livro, que Konder, na *Folha da Semana*, destacou como imprescindível à compreensão da história do movimento operário no Brasil, foi duramente atacado por Octávio Brandão, cujo papel destacado de intelectual do partido, nos anos 1920, Pereira havia incentivado. O artigo de Leandro Konder, de 1981, dedica alguns parágrafos à troca de acusações entre Brandão e Pereira, enfatizando que às palavras cruéis de Brandão, invariavelmente, Pereira oferecia respostas cordiais, ainda que intensas em humor. Pereira, por fim, não era um sujeito de temperamento conflitivo, preferia ter paz a ter razão.

No contraste entre Brandão e Pereira, Konder, que considerava o primeiro uma espécie de "Lenin que não deu certo", apesar de lhe reconhecer o espírito aguerrido, definiu:

> Na realidade, mesmo quando atuaram politicamente juntos, Astrojildo e Octávio Brandão sempre foram personalidades radicalmente diversas. Astrojildo era discreto, aberto ao diálogo, sensível às sutilezas e complexidades da realidade humana, admirador de Machado de Assis, jovial, cordato, acessível, indulgente: em seu modo de ser existia, implicitamente, uma concepção de partido de massas (um partido comunista no qual o homem simples do povo, o trabalhador comum, podia encontrar o seu posto de luta sem se ver submetido a terríveis pressões "heroicizadoras"). Octávio Brandão, ao contrário, era um asceta, carismático, presunçoso, ostentava uma cultura que nunca chegou efetivamente a dominar, simplificava tudo, desprezava Machado de Assis (que considerava um "niilista", falava como se fosse o "dono" da revolução e em seu modo de ser estava implícita a concepção de um partido de heróis (uma seita de devotos abnegados) (Konder, 1981, p. 69-70).

As diferenças entre Brandão e Pereira, de certo modo, refletem o profundo abismo que havia entre personalidades abertas e democráticas e a maioria dos dirigentes comunistas, excessivamente contagiados pela acepção autoritária de construção do socialismo, que, de resto, atravessava o Atlântico, vinda de Moscou e das experiências do chamado "socialismo real". Konder, como membro da

geração de comunistas que cresceu sobre os escombros ideológicos da "desestalinização" e chegou à maturidade política e intelectual nos anos de colapso do mundo soviético, inclina-se, em forma e conteúdo, ao modo de ser e existir de Astrojildo Pereira, o que, certamente, explica sua afeição por ele, sua "afinidade eletiva" com aquele que, mais do que um dirigente comunista, foi um sujeito dedicado às ideias e às letras.

O texto de Leandro Konder termina com algumas reflexões sobre os últimos anos de vida de Astrojildo Pereira, em que o antigo secretário-geral do PCB enfrentou doenças e infortúnios políticos, dentro e fora do partido. Em 1964, por exemplo, fisicamente fragilizado, lamentou a deposição do Presidente João Goulart e a ascensão ao poder de golpistas. Foi vítima de inquéritos policiais militares (IPMs) e, com a dignidade que lhe era característica, apresentou-se voluntariamente às autoridades, as quais o interrogaram querendo saber de eventos dos quais havia participado 30, 40 anos antes. Mais tarde, Astrojildo diria sobre seus interrogadores: "São pesquisadores de um novo tipo; colocam no xadrez as fontes de informações historiográficas" (Konder, 1981, p. 71).

Embora não tenha concluído seu livro de memórias, uma sugestão do amigo e editor Ênio Silveira, como lembra Konder, Astrojildo Pereira deixou alguns esboços, entre os quais se encontra a seguinte passagem, refletindo sobre a ameaça comunista que os conservadores julgavam fazer parte das intenções do governo João Goulart: "Socialismo e comunismo não se implantam, não podem ser implantados arbitrariamente em parte alguma do mundo. São regimes sociais que surgem, se desenvolvem e se consolidam como decorrência necessária de determinado processo histórico" (apud Konder, 1981, p. 71).

Astrojildo Pereira morreu em 20 de novembro de 1965, aos 75 anos de idade. Poucos meses depois, sua companheira Inês, filha do militante comunista Everardo Dias[7] também faleceu.

[7] Nascido na Espanha, Everardo Dias (1883-1966) foi maçom, líder operário, jornalista e professor. É autor de *Bastilhas modernas* (1927), que contém duras análises sobre as péssimas e desumanas condições das prisões brasileiras, onde esteve em diferentes ocasiões como detento político. Também foi alvo do "obreirismo" do PCB, do qual foi expulso em 1932. Foi também um dos principais colaboradores, nos anos 1950, da *Revista Brasiliense*, de Caio Prado Júnior, e publicou *História das lutas sociais no Brasil,* em 1962, sua obra mais conhecida.

3. O SOCIALISMO ESTÁ MORTO? ENTÃO, VIVA O SOCIALISMO!

O título desta seção final é retirado da abertura do capítulo dedicado a Astrojildo Pereira em *Intelectuais brasileiros & marxismo*, de 1991, de Leandro Konder. O autor "brinca" com a provável reação que Pereira teria se tivesse assistido aos eventos que culminaram na derrota da experiência socialista do século 21.

O livro de Konder reúne ensaios publicados no jornal carioca *Tribuna da Imprensa* no decorrer do ano de 1990 e apresenta aproximações entre alguns pensadores brasileiros e a teoria marxista, com destaque para nomes como Octávio Brandão, Caio Prado Júnior, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Nelson Werneck Sodré, Antonio Candido, Carlos Nelson Coutinho e, é claro, abrindo os trabalhos da coletânea, Astrojildo Pereira.

Logo na *Explicação Preliminar* do livro, Leandro Konder tensiona:

> Sabemos todos que o marxismo, hoje, está em crise. As experiências socialistas realizadas a partir da revolução leninista exploraram caminhos diversos e se revelaram – todas! – bem mais problemáticas do que poderiam ter previsto os bravos revolucionários que a desencadearam. Por outro lado, as experiências social-democratas, que recusaram a opção radical do leninismo e foram apoiadas por alguns marxistas moderados ou heterodoxos, também se acham consideravelmente desgastadas pela constatação generalizada da sua inépcia; em nenhuma delas os marxistas conseguiram obter resultados satisfatórios na transformação significativa da estrutura da sociedade (Konder, 1991, p. 07).

É sintomática a observação de Konder a respeito do fracasso tanto do socialismo real quanto da social-democracia no que diz respeito à utopia de uma sociedade justa e solidária, livre e feliz. A escolha de Astrojildo Pereira para ilustrar, com sua vida e obra, o capítulo inicial também não parece ser fortuita. Afinal, o que restaria ainda das ideias que mobilizaram durante quase toda a vida o mais importante fundador do PCB? Mais do que isso: se Astrojildo Pereira, como este artigo propõe, é objeto de incomensurável admiração por parte de Leandro Konder, o que o resguarda diante das derrotas do socialismo e da crença, bas-

tante disseminada no início da década de 1990, de fim da história e, consequentemente, vitória do capitalismo como meio de produção e do liberalismo como percepção de mundo?

O texto de 1990-91, infelizmente, não apresenta respostas a essas indagações incômodas, uma vez que não traz nada de novo em relação ao artigo de 1981, analisado na seção anterior deste trabalho. Trata-se, como já mencionado, de um texto de divulgação de intelectuais brasileiros e de suas diferentes relações com o marxismo. No capítulo sobre Astrojildo Pereira, Leandro Konder resume, literalmente, as informações trabalhadas com rigor na publicação de 1981. A mesma coisa acontece com as referências a Astrojildo Pereira nas páginas da tese de doutorado *A derrota da dialética*, de 1987: Pereira aparece como um dos tantos militantes comunistas das primeiras décadas do século 20 responsáveis pela recepção das ideias de Marx no Brasil. Konder declara, por exemplo: "Mesmo homens de grande curiosidade intelectual, como Astrojildo Pereira e Cristiano Cordeiro[8], embora fossem autênticos devoradores de livros, reconheciam-se mal informados a respeito das concepções de Marx" (Konder, 2009, p. 180).

Nesse sentido, é possível afirmar que resta das ideias que influenciaram Astrojildo Pereira sua forte determinação democrática, como uma espécie de advertência ao malogro autoritário que caracterizou os itinerários políticos do movimento comunista internacional. Ao mesmo tempo, ainda sobra espaço para a modéstia e a disposição ao diálogo, que também caracterizam, de acordo com Konder, a personalidade pública de Pereira. As inclinações literárias de Astrojildo Pereira serviram-lhe como espécie de alívio à aridez de um ambiente cravejado de retórica fácil e lugares-comuns. Sua paixão pela literatura e pela busca de compreensão da rica cultura brasileira o impediram de aderir acriticamente ao sortilégio da militância cega e da convicção sem autocrítica. Assim, torna-se seguro afirmar que a vocação democrática de Astrojildo Pereira e a sua predisposição permanente de valorização da questão cultural não só resguardam sua trajetória como também o tornam atual e provocador.

Vale, para tanto, citar a longa passagem de José Paulo Netto no encerramento de seu artigo sobre Astrojildo Pereira, já citado neste trabalho, para a qual

8 Pernambucano, um dos fundadores do PCB, Cristiano estudou na Faculdade de Direito de Recife e exerceu mandato como vereador na capital de seu Estado. Atuou como professor, jornalista e chegou a ser eleito deputado federal (sem tomar posse) e vereador (com mandato cassado pelo Estado Novo. Em Goiânia, onde foi viver para escapar às perseguições políticas, fundou e dirigiu a Biblioteca Pública, além de trabalhar em diversos jornais e participar de inúmeras atividades culturais. Morreu no Recife, em 1987, aos 92 anos de idade.

converge integramente a opinião de Leandro Konder a respeito do pensamento do autor de *Machado de Assis*:

> [...] a repugnância de Astrojildo por qualquer tipo de sectarismo cultural é que me parece a responsável pelo seu profícuo exercício crítico. Mais: é este traço da sua crítica que me parece atual e modelar. [...] No entanto, esta perspectiva de abertura e receptividade em face da obra literária só se específica quando conectada ao seu substrato político – efetivamente, em Astrojildo, tal perspectiva não é acidental ou episódica, mas assenta numa definida projeção de política cultural. Aqui, as suas ideias estão cristalinamente expressas num texto dos anos 40, *Posição e tarefas da inteligência brasileira* – trata-se de uma formulação canônica, com a questão cultural inscrita organicamente no processo de reprodução da vida social. Inserindo a problemática da cultura na dinâmica social abrangente e inclusiva, Astrojildo não dilui a especificidade da cultura nem lhe confere uma significância adjetiva; ao contrário, ao vincular o desenvolvimento democrático da cultura à sua necessária contextualidade social – a erradicação do analfabetismo, o combate à miséria e à exploração, o acesso a meios de comunicação livres de censura, padrões de participação social democráticos –, Astrojildo articula com rara felicidade a dialética cultura/sociedade.

Por suposto, se é verdade que, na década de 1920, Astrojildo confessava compreender pouco sobre teoria marxista, duas décadas mais tarde, quando redige o texto enaltecido por Netto, deixa claro que a dialética já o havia visitado, permitindo-lhe uma compreensão da cultura como resultado da dinâmica criadora e insurgente dos sujeitos, e não apenas um fenômeno marginal da vida social. Isso, certamente, o mantém protegido e afastado daquelas cujas ideias soçobraram após a derrota das experiências socialistas do século passado – além de oferecer novos adornos à afetividade e a afinidade que sua vida estabelece com a *práxis* de Leandro Konder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo não é ambicioso – e talvez por isso possa ser visto com interesse e indulgência. Ao longo das seções, buscando articular as impressões de Leandro Konder a respeito da vida e da obra de Astrojildo Pereira, o objetivo foi identificar traços de personalidade, tomadas de decisão e preferências éticas e culturais que pudessem aproximar esses dois intelectuais, cujo encontro efetivo se deu em momentos muito diferentes da vida de ambos. Ainda assim, o jovem adulto Konder nunca deixou de nutrir especial arrebatamento pela trajetória do velho militante comunista e crítico literário, poupando-o aos males mais gerais do "espírito do tempo" no qual foi forjado, humana e politicamente.

Valendo-se dos escritos conhecidos de Leandro Konder sobre Astrojildo Pereira, este trabalho deseja ter contribuído para esboçar uma *sociologia dos dois intelectuais*, fixando em seu tempo e reduzindo as distâncias geracionais que os separam por meio da exploração de encontros de ideias, valores e utopias que os animavam. Alguma fortuna crítica sobre Astrojildo Pereira também foi utilizada e referenciada, dada a sua grandeza biobibliográfica.

Por fim (se é que isso existe), a constatação inevitável é a de que tanto Leandro Konder quanto Astrojildo Pereira representam uma parte da história viva da esquerda brasileira, em geral, e do movimento comunista, em particular. Konder, notável pensador marxista, é integrante dos esforços renovadores do pensamento de Marx e de seus cada vez mais urgentes flertes com a questão democrática; Pereira, no mínimo um "clássico", é exemplo vivo de como uma postura serena, convergente e curiosa pode contribuir para abastecer a política de boas ideias e a cultura de valores permanentes. Não seria de modo nenhum um risco concluir afirmando que um intelectual como Leandro Konder, influência de várias gerações vivas de militantes e intelectuais de esquerda no Brasil, não existiria, da maneira como é de fato conhecido, se, antes, Astrojildo Pereira não tivesse beijado a mão de Machado de Assis.

RECEBIDO em 12/01/2026
APROVADO em 14/03/2026

REFERÊNCIAS

COUTINHO, C. N. O filósofo democrático. In: PINASSI, Maria Orlanda (org.). **A revanche da dialética**. São Paulo: UNESP, Boitempo, 2002.

FEIJÓ, M. C. **O revolucionário cordial**: Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

KONDER, L. Astrojildo Pereira: uma vida coerente. **Folha da Semana**, Rio de Janeiro, 25 de novembro a 1.º de dezembro de 1965.

KONDER, L. Astrojildo Pereira. In: **Intelectuais brasileiros & marxismo**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

KONDER, L. **A derrota da dialética**: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KONDER, L. Astrojildo Pereira: o Homem, o Militante, o Crítico. **Memória & História**, São Paulo: LECH/ASMOB, 1981, v. 1, p. 51-74.

KONDER, L. O curriculum mortis e a reabilitação da autocrítica. In: **O marxismo na batalha das ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

NETTO, J. P. **Marxismo impenitente**: contribuição à história das ideias marxistas. São Paulo: Cortez, 2004.

PEREIRA, A. **Interpretações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022.